

# Nosso futuro

## S.O.S. BRASÍLIA

Carlos Pontes

Socorro!!! Brasília pede socorro. Planejada como uma cidade ímpar, atípica, diferente, paradigma para um Brasil contemporâneo, Brasília está sofrendo atentados, violações urbanísticas e arquitetônicas por todos os lados. Os seus inimigos, aqueles brasilienses que não a compreendem, que não alcançam a um só tempo a profundidade e a leveza de sua proposta de vida urbana, estão desfigurando e descaracterizando o Plano Piloto de Brasília.

O que era para ser uma cidade limpa, com prédios despojados, singelos, de concreto aparente, mas com marcante monumentalidade, está sendo aos poucos ocupada pelos quiosques nos canteiros centrais, "out-doors", "front-lights" em frente a seus monumentos arquitetônicos, nas áreas nobres da cidade, além das invasões residenciais.

Agora é a vez dos mega-painéis publicitários, de dezenas de metros de comprimento, ocupando as fachadas ou empenas dos prédios, como em São Paulo e nas cidades descompromissadas com a beleza urbanística e ou que não souberam a tempo conter este ímpeto expansionista da propaganda externa.

Primeiro foi no Torre Palace Hotel, um painel do Salão Ariél que ocupa a empena leste. Em toda foto que se fizer da Torre de TV lá está aquela "intervenção perversa na paisagem". Já não se pode obter uma foto limpa do Eixo Monumental e do Eixo Rodoviário. E esta limpeza visual, que era nosso cartão postal, era a nossa marca registrada a provocar suspiros de admiração em quantos nos visitavam, o que poderia aumentar a nossa receita turística, está desaparecendo.

Entramos com uma ação popular para a retirada do painel, que foi instalado com autorização da Administração de Brasília mesmo com o parecer contrário do Iphan — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Agora, foi instalado o segundo, no prédio da Embratel, no Setor Comercial Sul. Todos nós achamos linda a Ana Paula Arósio, mas aquele painel destoa de Brasília, ali não é seu lugar. Infelizmente, as multinacionais, na ânsia de faturamento, não respeitam os valores das comunidades locais, preferindo agir como um rolo compressor que massacra as tradições dos cidadãos. Um valor mais alto se levanta: o lucro.

Fazemos um apelo ao gover-

nador Joaquim Roriz para que determine à Secretaria de Desenvolvimento Urbano, a qual é subordinada a Divisão de Licenciamento e Fiscalização de Obras e à Administração de Brasília, para que retirem os dois painéis, usando a legislação do código de obras e posturas. É suficiente para se agir, sem esperar novas leis da Câmara Legislativa que coibam tais violações ao nosso Plano Piloto.

E se faça uma limpeza geral no SDS, no Conic, onde foram colocados painéis de forma irresponsável e caótica no topo dos prédios e nas laterais, ao contrário do Conjunto Nacional, que agiu de forma criteriosa, como queria o mestre Lúcio Costa, que previu painéis unicamente para aqueles setores, tendo em vista serem áreas de lazer e, portanto, adequadas à iluminação como sinalização de diversões.

Faça logo isso, governador Roriz, porque Brasília aos 40 anos ainda continuava até o ano passado virgem desse estupro visual. O juiz da 6ª Vara da Fazenda Pública, Dr. Alfeu Gonzaga Machado, havia concedido a liminar para determinar a retirada imediata dos painéis, mas o Conselho da Magistratura, tendo como relator o desem-

bargador Lécio Resende revogou a liminar, sob a alegação de que a falta de painéis luminosos é um sinal de subdesenvolvimento, e de que "o que seria de Nova York sem os seus painéis luminosos?" Ora, me desculpe, desembargador, mas a proposta de Brasília é exatamente o contrário de Nova York, em relação a luminosos. Lá a proposta é uma, é adequada, firmou-se. Aqui, a proposta é outra, é o despojamento, os amplos espaços, o céu como o mar de Brasília, e nem por isso é menos bela.

É preciso que se faça isto imediatamente pois senão vai virar moda. Como disse Marília Gabriela sobre sua saída do SBT: "Se você deixa que te passem a mão uma vez, vai ter de deixar sempre". Da mesma forma, a Administração de Brasília vai ter que coibir este tipo de painel nas empenas dos prédios logo, para não ter que tornar como regra o que agora é uma exceção.

Brasília virou terra de ninguém. No viaduto do Setor de Indústria e Abastecimento há dezenas de painéis, antes e dentro do viaduto, o que contraria as regras primárias de sinalização de trânsito. Não somos contra "out-doors", apenas é preciso critério e disciplina para não

vulgarizar e desqualificar o que pode ser um excelente meio de comunicação. Aqui nem o afastamento mínimo da pista de rolamento é obedecido. Painéis são colocados em entroncamentos, viadutos, pode? Por que o Detran, o IPDF, as administrações não se reúnem para solucionar o assunto antes mesmo de aprovação de legislação pela Câmara? Como está, ao deus dará, é que não pode ficar. E os quiosques que também tomaram conta da cidade? São milhares, alguns amontoados juntos de outros, sem nenhum critério, quase tapando a vista e as passagens dos canteiros centrais, num afavelamento que Brasília soube conter nos seus primórdios.

Enfim, alguma coisa precisa ser feita para preservar esta cidade deste desvirtuamento. As invasões como Estrutural, Telebrasil precisam ser retiradas. E a limpeza visual da cidade ser restaurada, antes que seja tarde, antes que ela seja vulgarizada. Se outras cidades tiverem painéis publicitários de forma caótica, descontrolada, e Brasília se mantiver limpa, disciplinada, como a queriam seus idealizadores, o turismo aqui será maior, o nosso ganho será não só em estética, mas financeiro. Pois os

turistas terão do que se orgulhar.

Não se trata de uma assepsia visual para retirar os pobres dos locais nobres. Ao contrário, os pobres sairão ganhando mais com o incremento do turismo numa cidade planejada e preservada, que gera empregos e divisas. Não concordamos com o argumento enviesado que permitiu ser criada a Feira do Paraguai, na época um verdadeiro cancro no sistema tributário brasileiro.

Enfim Brasília conheceu duas "repúblicas". A República da Estrutural e a República da Feira do Paraguai. Naquela nem o então governador Cristovam podia entrar, e a sua "prefeita" ou "xerife", uma tal de Marlene, desafiava o então governador a ir lá. (que saudades de Carlos Lacerda, que certa vez foi ao prédio da Frei Caneca pessoalmente desafiar uma rebelião de presos e dominou com sua coragem o levante!) E nesta segunda república — a Feira do Paraguai — nem os fiscais da Receita ou- sam entrar.

É esta a cidade que queremos para os nossos filhos?

■ Carlos Pontes é jornalista, publicitário, diretor da Associação Comercial do DF

